

Dona Nívea

Danilo Gomes

A casa de Dona Nívea ficava na Rua Direita (que, como toda Rua Direita, era torta, e tinha esse nome porque levava *diretamente* à igreja matriz), bem ao lado da matriz, a Sé, onde todos éramos batizados, casados e velados, antes de baixarmos à sepultura, na igreja do Rosário ou na ermida de Santana.

Assim sendo, aos seis anos de idade, depois de lá ter ido com minha mãe, para os acertos normais, subi pela primeira vez a escadaria do velho sobrado colonial para a minha primeira aula. Cadernos debaixo do braço? Não, devia haver uma pequena pasta, com cadernos, lápis, borracha e outros apetrechos de estudante primário, e certamente uma merenda qualquer, para tapear a fome do menino aprendiz.

Não estranhei, não me lembro ter-me sobressaltado por qualquer motivo; afinal, naquela Mariana da minha infância – década de 40 – tudo era familiar, aconchegante, conhecido, e parecia durar por toda a eternidade, indo além das trombetas do Dia do Juízo Final.

Subi a escada, confiante, nos meus seis anos incompletos, pois os fazia a 30 de dezembro daquele 1948. Lá no alto, a esperar o infante que iniciava uma vida de estudos, aguardava, de pé, a bonita professorinha Dona Nívea, que devia orçar pelos 17, 18 anos, meiga, delicada, educadíssima, traços finos, alourtada, inteligente. Parecia uma fada dos irmãos Perrault, dos irmãos Grimm, de Andersen. Tinha uma irmã, Vera, morena clara, cabelos negros, também jovem professora. Lembro-me da mãe e do pai, que era conhecido dentista Dr. Américo Vespúcio dos Santos. A poucos passos do sobrado ficava o do poeta simbolista Alphonsus de Guimaraens, que havia morrido em 1921, deixando quatorze filhos para D. Zenaide criar. Alphonsinho só tinha 3 anos. Mas isso é outra história.

O menino aprendiz iria desasnar a caminho dos 6 anos, mas as primeiras noções lhe haviam sido inculcadas pela mãe Dorita e

pela tia Carmita, professoras primárias. Escolheram Nívea – e escolheram muito bem – para introduzir o menino no mundo mágico do conhecimento, do estudo, da descoberta do vasto e incrível mundo, que ele vai descobrindo, estarecido às vezes, às vezes maravilhado, até hoje. Nívea, de mão segura e suave, anjo de bondade e simpatia. Que horas deliciosas no casarão da Rua Direita, perto da Sé onde estudava o Catecismo da Doutrina Cristã, para o deslumbramento místico da Primeira Comunhão, de que ficou a foto de 1950.

E o menino subia e descia a escada escura. Na sua inocência, ia vislumbrando as potencialidades gráficas, cromáticas e sonoras do mundo, que se abria diante de si. A voz de Dona Nívea era suave, seu rosto angelical e sua paciência de Jó. Cada aluno aprendia individualmente; não havia turma; dava aula para outros alunos, mas um de cada vez. Só no ano seguinte seria a vez do Grupo Escolar Dom Benevides, com as aulas de Dona Didina, até o fim do curso primário.

Quando o menino saía da aula de Dona Nívea, passava na venda do Chico Xavier e comprava ora um pé-de-moleque, ora uma cocada branca ou preta e ouvia, pelo sossego da tarde, as aulas de piano das irmãs Braga, na mesma Rua Direita. Foi, na verdade, seu primeiro contato mais duradouro com a música, arte que iria encantá-lo pelo resto da vida, embora nunca houvesse de aprender a tocar qualquer instrumento, uma flauta que fosse, ou um címbalo ou um tamborim de carnaval.

O tempo passou, o menino foi estudar interno, aos 10 anos de idade, no Colégio Dom Bosco, em Cachoeira do campo, num prédio que havia sido o quartel onde servira Tiradentes, o bravo alferes Joaquim José da Silva Xavier.

O tempo passou a Nívea, moça bonita e prendada, casou-se com Jarém, um jovem engenheiro da família Gomes. O pai de Jarém era primo do menino aluno.

O tempo passou e o menino aluno, já rapazinho, viu o namoro de Nívea e Jarém. Soube do casamento. Foram felizes. Hoje, têm netos. Moram a muitos anos em Belo Horizonte.

Quando o menino aprendiz entra para a Academia Mineira de Letras, na noite de 3 de novembro de 1995, lá estava, no

auditório iluminado, florido e cheio de amigos, o casal de outrora, Nívea, sempre delicada e afável, e Jarém, o moço sério e simpático. Quando Nívea foi cumprimentar seu antigo aluno do casarão da velha Rua Direita, disse a ele: – No tempo das nossas aulas, você me dizia que queria ser escritor.

Mas o antigo menino já não se lembrava desse sonho.